

**O LEITOR COMPETENTE
E A LEITURA DE TEXTO DE CIRCULAÇÃO SOCIAL**

Geraldo José da Silva (UEMS)
gera.silva@terra.com.br

RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar as características do leitor competente frente à leitura de textos de circulação social. Ciente de que ler um texto, determinando padrões de conhecimento para sua compreensão, ou assumindo-o como instrumento para conhecer, continua sendo um ato de extrema complexidade, busca-se, à luz dos PCN (Brasil, 1997), a possibilidade de refletir o processo de leitura, visando a criticidade e a formação de leitores competentes. Sendo a leitura é um ato de posicionamento político diante do mundo, não devemos esquecer de que o leitor na medida em que lê, se constitui, se representa, se identifica.

Palavras-chave: leitura; leitor competente; textos sociais

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao nos atermos ao tema leitura e à formação de leitores competentes, consideramos que este assunto, ainda que muito debatido, não está esgotado dada à importância que a leitura assume na vida dos sujeitos que constituem a sociedade. É, no mínimo, relevante ressaltar a necessidade de uma prática constante da leitura. Não podemos afirmar que a leitura anda muito mal em nosso país, mas convém questionar que tipo de leitura estamos fazendo, tanto na escola como na sociedade em que estamos inseridos. Dessa forma, o artigo em tela objetiva: a) apresentar uma reflexão, à luz dos PCN (Brasil, 1997) e de contribuições teóricas de autoridades no assunto, sobre as características do leitor competente e como elas podem ser encontradas em textos de circulação social; b) analisar um *corpus* significativo que em sua construção se possa perceber, contextualmente, através de intertextualidade, de inferências, ativação de esquemas que envolvam conhecimentos linguísticos, conhecimentos prévios do leitor ideal, ou seja, de um leitor com nível de criticidade agudizado.

Numa perspectiva teórica centrada na interação leitor-texto e contexto histórico-social-cultural, busca-se uma leitura que seja transitiva visando um leitor sujeito histórico. Além disso, proporcionar

ao leitor a condição de produzir novos textos. Justifica-se a escolha do texto *Marginália II*, de Gilberto Gil e Torquato Neto pelo leque de possibilidades temático-históricas que o mesmo encerra.

REVISÃO DA LITERATURA

Mesmo vivendo na era da eletrônica e das ‘modernidades’, vemos a necessidade do ser humano em saber ler o mundo, principalmente nas suas relações comunicativas com o outro. Assim, o sujeito leitor se constrói em um contexto social, trazendo consigo suas características psicológicas e socioculturais. A prática da leitura desempenha um papel importante na vida dos indivíduos. Frente ao exposto, consideramos o que Dell’Isola assevera sobre a leitura:

A leitura, meio de fundação do ser humano, prática social, co-produção de textos, é processo que se movimenta entre o que se reconhece no texto e o que expropria dele; revelando estratégias dinâmicas de produção de sentido que possibilitam as várias condições de interação entre sujeito e linguagem. (Dell’Isola, 1996, p. 74).

A leitura é um ato de posicionamento político diante do mundo. Não devemos esquecer de que o leitor, na medida em que lê, se constitui, se representa, se identifica. Há que se buscar uma leitura transitiva, visando um leitor sujeito histórico.

É oportuno lembrar o que (Silva, 1998, p. 21) nos chama a atenção quando afirma “a leitura é uma prática social e, por isso mesmo, condicionada historicamente pelos modos da organização e da produção da existência, pelos valores preponderantes e pelas dinâmicas da circulação da cultura”, o que justifica a necessidade e importância da leitura crítica, onde se possa olhar com critério a realidade que nos cerca. Corroborando Silva (1998), vê-se que a leitura crítica exige um leitor competente que seja seletivo, que analisa e examina as evidências apresentadas e, à luz dessa análise, julga-as criteriosamente para chegar a um posicionamento diante dos mesmos. Sabemos que o aprimoramento das competências em leitura crítica é função da instituição escolar como um todo.

Em consonância com Silva (1998), que vê a leitura como atividade crítica (questionamento, conscientização e libertação gera implicações, desconforto, quando a vinculamos com organizações

sociais específicas: escola, sociedade, instituições governamentais) e isso implica como estes órgãos tratam a leitura e a sua propagação nesta mesma sociedade, pois é sabido que o surgimento de homens-leitores críticos e transformadores pode abalar as estruturas da manutenção do poder. A realidade do leitor não deve ser esquecida, visto que seu contexto é fundamental na constituição de sua posição de sujeito no meio em que vive. Tal situação é atestada por (Silva, 1998, p. 22) “A ditadura acabou. O Brasil se redemocratizou. Muita coisa mudou. Porém, as estruturas que reproduzem as injustiças sociais não se modificaram em nada!”

Ampliando a discussão sobre a necessidade de criticidade no processo de ensino-aprendizagem da leitura, destacamos o que o autor menciona:

A leitura crítica encontra a sua principal razão de ser nas lutas em direção à transformação da realidade brasileira, levando o cidadão a compreender as raízes históricas das contradições e a buscar, pela ação concreta, uma sociedade onde os benefícios do trabalho produtivo e, portanto, da riqueza nacional não sejam privilégios de uma minoria. (Silva, 1998, p. 22-23).

Notamos que a leitura crítica exige e sugere um engajamento do leitor e que, também, faz emergir toda uma história do indivíduo, na qual o mesmo ativa esquemas de conhecimentos para a construção de sentido.

Segundo os PCN (Brasil, 1997), a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir de seu conhecimento do assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: característica de gênero. Vê-se que o trabalho com a leitura objetiva a formação de leitores competentes e, por conseguinte, de bons escritores visto que sem a prática de uma leitura efetiva e interativa a produção textual poderá ser de baixo teor e consistência.

Em consonância com os PCN (Brasil, 1997), depreendemos que um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Vale lembrar que formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o

texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Esse tipo de leitor pode se constituir mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho organizado em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.

Para Dell'Isola (1996), o leitor competente considera as marcas de sua individualidade e o contexto sócio-histórico, sabe que o texto não está acabado, não é produto, é dispositivo de produção, sabe que a leitura é variável, que texto tem lacunas a serem preenchidas, lê o texto com todo o seu ser: olhos, ouvidos, sentimentos, pensamentos e bagagem sociocultural. Este sujeito interage com diversas formas de linguagem, através da sua leitura de mundo. O leitor competente mencionado por Dell'Isola (1996) deve ser capaz de fazer intertextualidade com outros textos lidos, fazer inferências sustentadas pelo contexto e, também, pelo seu conhecimento de mundo.

A autora apresenta três enfoques relevantes no que se refere ao ato de ler, a saber: a) a leitura como habilidade fundante do ser humano, situação em que o sujeito é sujeitoado a algo e, também, é agente sobre algo; b) a leitura como prática social: o sujeito leitor se constrói em contexto social, o sujeito leitor é levado a reproduzir as leituras preestabelecidas pelo social, ao se expressar, o emissor do texto revela marcas de sua individualidade, produto de suas características psicológicas e socioculturais; c) a leitura como ato de co-produção de textos: o texto é enunciação projetada pelo autor, continuada *ad infinitum* e perpetuada pelo leitor, um exercendo influência sobre o outro. A leitura é produto pessoal, individual, determinada pelas condições sociais, culturais, históricas, afetivas e ideológicas do leitor, portanto, é variável, porque o texto apresenta lacunas que convidam o leitor a preenchê-las. Esse preenchimento é feito pela bagagem histórico-sociocultural do leitor.

Goulemot (1996) assevera que a leitura é sempre produção de sentido, ler é constituir e não reconstituir um sentido. Para o autor, o sentido se constitui por uma leitura historicamente datada, empregada por um indivíduo que tem um destino singular, nasce, portanto, do trabalho que esse fora-do-texto (história coletiva e pessoal – o que quer dizer que é o cultural que ordena o que acreditamos pertencer a

uma singularidade extrema). Assim definido opera, para além dos sentidos das palavras, do agrupamento de frases, sobre o texto. Dessa forma, vemos que a história cultural, política e social – via os autores – trabalha o conteúdo que lemos. Para tanto, espera-se do leitor uma competência também singular centrada no seu conhecimento do mundo. É válido mencionar que esse tipo de leitor faz emergir a biblioteca vivida com suas leituras anteriores e dados socioculturais pertinentes ao contexto – terreno da leitura feita.

Ciente de que ler um texto, determinando padrões de conhecimento para sua compreensão, ou assumindo-o como instrumento para conhecer, continua sendo um ato de extrema complexidade, onde a dependência de condições parece avolumar-se na medida em que apuramos a nossa metalinguagem. Assim, ler é ampliar horizontes e a literatura será tanto melhor quanto mais provocar seu leitor. Vê-se, então, que a leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Além disso, proporcionar ao leitor a condição de produzir novos textos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho é resultado de uma reflexão sobre as características do leitor competente frente a textos de circulação social, visando uma maior criticidade e interação leitor–texto. Para tanto foi escolhido como *corpus* o texto *Marginália II*, de Gilberto Gil e Torquato Neto, por este possibilitar uma leitura reflexiva e fazer com que o leitor acione esquemas de conhecimentos prévios e do mundo numa interlocução bastante produtiva no que concerne a experiência desta atividade.

Em consonância com o exposto, apresentamos uma possibilidade de leitura do texto *Marginália II*, de Gilberto Gil e Torquato Neto, tendo como leitor ideal, o leitor competente.

- 1 Eu, brasileiro, confesso minha culpa, meu pecado,
- 2 Meu sonho desesperado, meu bem guardado segredo,
- 3 Minha aflição.
- 4 Eu, brasileiro, confesso minha culpa, meu degredo,
- 5 Pão seco de cada dia, tropical melancolia,
- 6 Negra solidão.
- 7 Aqui é o fim do mundo, aqui é o fim do mundo,
- 8 Aqui é o fim do mundo...
- 9 Aqui o terceiro mundo pede a bênção e vai dormir
- 10 Entre cascatas, palmeiras e araquês e bananeiras,
- 11 Ao canto da juriti
- 12 Aqui, meu banho de glória, aqui, meu laço e cadeia.
- 13 Conheço bem minha história, começa na lua cheia,
- 14 Termina antes do fim.
- 15 Aqui é o fim do mundo, aqui é o fim do mundo,
- 16 Aqui é o fim do mundo...
- 17 Minha terra tem palmeiras onde sopra o vento forte
- 18 Da fome, do medo e, muito principalmente, da morte.
- 19 Ô lelê, ô lalá ...
- 20 A bomba explode lá fora, agora o que vou temer?
- 21 Oh, yes, nós temos bananas até para dar e vender.
- 22 Ô lelê, ô lalá ...
- 23 Aqui é o fim do mundo, aqui é o fim do mundo,
- 24 Aqui é o fim do mundo...

(Góes, 1982, p. 28-9.)

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO MATERIAL “CORPUS”

O texto mostra um depoimento de um “locutor virtual”, ao falar de sua história, confessando sua culpa e sua comodidade diante dos fatos e da realidade de sua pátria.

Há um misto de valores dos quais se apropria para mencionar sua visão crítica e irônica do lugar em que vive, mas que nada faz de concreto para que sua realidade mude.

O título apresenta uma carga semântica que nos permite inferir que há uma menção a todos que vivem à margem do sistema por medo de assumir uma identidade patriótica e as implicações sociopolíticas que isso pode acarretar. Outra marca relevante no texto é o uso da primeira pessoa “eu, brasileiro, confesso...” o que sugere um

maior grau de verdade por parte do locutor ao declarar-se a um leitor/destinatário virtual da mesma nacionalidade. O uso do aposto “brasileiro” é recursivo e intencional numa tentativa de prevê a leitura de tal texto por outros brasileiros, imprimindo - dessa forma - um compromisso dialógico com um potencial leitor.

Este texto nos leva ao movimento cultural do final dos anos 60, baseado na idéia de que era necessário assumir nossa cultura tropical de maneira crítica e irônica. O tropicalismo, movimento que tentava traduzir a realidade brasileira com humor e irreverência, “digerindo” a realidade nacional por meio de uma arte renovada e antropófaga, em grande parte inspirada em Oswald de Andrade, tem presença significativa no momento histórico vivido. Numa perspectiva bastante irônica, denunciavam-se as contradições do país, onde conviviam a enxada e o avião, o rock e a moda de viola, o luxo e o lixo. Evidentemente essa proposta tropicalista não foi bem aceita na época (anos 60-70), visto que vivíamos a forte censura, principalmente com o Ato Institucional nº 5, onde tentou-se calar toda uma efervescência da produção tropicalista. Mesmo assim, os compositores da época (Gil, Caetano, Torquato Neto, etc) tiveram grande contribuição cultural, pois usaram de alusões, alegorias e códigos que conseguiram driblar a censura. Vale lembrar que mesmo com a censura da época a indústria cultural brasileira (livros, revistas, discos, filmes, etc., produzidos de modo padronizados, em série, como numa indústria comum) consolidou-se. Registramos aqui a contribuição de Goulemot (1996) onde ela ressalta que “a história, aceitemos ou não, orienta mais nossas leituras do que nossas opções políticas”. Também Goulemot (1996), a esse respeito, assevera que “ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais”. Consideramos, neste particular, todo um conhecimento de mundo do leitor em questão. É importante acrescentar que Kleiman (1993), considera a experiência prévia indispensável para construir o sentido textual pelo leitor, sendo esta uma habilidade fulcral no ato da leitura em que se tenha um leitor maduro como ideal.

Como todo texto é um sujeito assujeitado em se tratando de enunciação e manifestação de idéias, o texto em questão é rico em intertextualidade, quesito abordado pelos PCN (Brasil, 1997) e Goulemot (1996) como característica marcante de um leitor competente,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

veja-se logo, no primeiro verso, uma forte referência religiosa, com o Ato de Contrição católico: “Eu, pecador, me confesso a Deus todo-poderoso, etc”.

Nos versos 9, 10 e 11 há uma retomada ao livro *Iracema* de José de Alencar “... ao canto da juriti” (cap. 15, p.51). O texto dialoga com a “Canção do exílio” de Gonçalves Dias de forma parodística no verso 17 “Minha terra tem palmeiras onde sopra o vento forte”. Há também referências a canções populares como “Yes, nós temos bananas” e o refrão “ô lelê, ô lalá”. Percebemos que o texto é uma colagem paródica, carregada de ironia. Outra ocorrência de intertextualidade é possível entre os versos 13 e 14 com o texto *Idílica estudiantil III*, de Alex Polari

Nossa geração teve muito pouco tempo
começou pelo fim
mas foi bela nossa procura
ah! Moça, como foi bela a nossa procura
mesmo com tanta ilusão perdida
quebrada,
mesmo com tanto caco de sonho
onde até hoje
a gente se corta.

Por meio da intertextualidade verificada no texto, podemos ter um panorama do país com as notações referenciadas aos aspectos culturais, históricos e literários de forma brincalhona, mas intencional por parte dos autores do texto em análise.

Outro item muito rico, nesse texto, são as inferências que, segundo os PCN (Brasil, 1997), o leitor competente emprega como estratégia de seleção, antecipação e verificação temática depreendidas no contexto. Assim é possível perceber uma realidade amarga e rotineira do brasileiro no verso “Pão seco de cada dia, tropical melancolia, negra solidão”. A passividade de nosso povo e a conformidade com a situação vivida, falta de identidade e autoconfiança “Aqui o terceiro mundo pede a bênção e vai dormir entre cascatas...”. Grosso modo, pode-se inferir uma retomada ‘crítica’ a uma passagem do Hino Nacional Brasileiro “Deitado eternamente em berço esplêndido”. Outra dicotomia temática abordando a realidade social da pátria é perceptível nos versos 17 “Minha terra tem palmeiras onde sopra o vento forte” e 18 “Da fome, do medo e, muito principalmente, da morte”. A tônica social mais uma vez é trazida à tona nos versos 20

“A bomba explode lá fora, agora o que vou temer?” e 21 “Oh, yes, nós temos bananas até para dar e vender”. Nos versos 20 a 24, vemos a característica cômoda do brasileiro em que se pode depreender que, no Brasil, não temos bomba/guerra por que temer o conflito externo? Aqui, apesar de tudo, temos “bananas/bonança” embora esteja na mão de poucos e festa/música “ô lelê, ô lalá”. A irreverência está presente no texto, pois se temos tudo isso, mesmo assim somos terceiro mundo “Aqui é o fim do mundo”.

O processo inferencial é muito representativo e permite que o leitor interprete o texto, preenchendo suas lacunas com seu próprio “eu”, como sujeito psico-histórico-sociocultural. Esse sujeito, assevera (Dell’Isola, 1996, p. 74), torna-se agora enriquecido pelas novas informações depreendidas do texto.

A temática social do texto é nitidamente atemporal uma vez que ainda hoje há necessidade de sempre buscarmos e mantermos nossa identidade nacional. Vemos muitos de nossos contemporâneos viverem à margem de tudo: cultura, educação, lazer e saúde. Não podemos negar que avançamos muito no que se refere ao desenvolvimento tecnológico e industrial, mas que ainda estamos presos a amarras sócio-históricas do nosso tempo: globalização, especulações econômicas e um universo de instabilidade geral que se instaura nas sociedades como um todo. Os autores fazem um retrato sem retoques da problemática situação econômica do país, esquecendo um tom ufanista dos românticos. Citam sim “cascatas, palmeiras, araçás e bananeiras...”, mas de forma irônica e parodística próprias do movimento tropicalista de nossa cultura que sempre foi tema de nossa literatura.

Isto posto, destacamos o que Dell’Isola (1996) considera como características relevantes de um leitor competente:

As marcas de sua individualidade e o contexto sócio-histórico; o saber que a leitura é variável, que o texto tem lacunas para serem preenchidas, produz diferentes leituras do mesmo texto, dependendo do momento, das relações com o contexto.

Corroborando Dell’Isola (1996), Solé (1998) enfatiza que o leitor competente deve trazer ao texto seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios, atribuindo sentido e significado ao texto, principalmente aos textos de circulação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise textual permitiu uma leitura mais exaustiva de texto de circulação social e contribuiu consubstancialmente para o exercício da criticidade aplicada ao este gênero de texto, pois nenhuma leitura é opaca ou ingênua, visto que todo discurso é marcado pelo seu contexto sócio-histórico-cultural. Oportuno lembrar que a leitura assume um papel importante na vida dos indivíduos e por isto, deve ser praticada e ensinada de forma que leve o leitor a se constituir como sujeito de seu discurso e de seus atos. A retomada aos aspectos abordados neste trabalho é salutar para lermos o mundo com olhos clínicos, vislumbrando a constituição da cidadania, ideal de todos nós.

Assim, ler é ampliar horizontes e a literatura será tanto melhor quanto mais provocar seu leitor. Vê-se que a leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Dessa forma, a prática da leitura configura-se como fundamental para o desenvolvimento intelectual dos sujeitos, contribuindo de forma inequívoca para a construção de uma sociedade mais equilibrada, em que haja mais justiça, produtividade e criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: língua portuguesa. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. A interação sujeito-linguagem em leitura. **In:** MAGALHÃES, I. (orgs.) *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UnB, 1996, p. 69-75.

GÓES, Fred de. *Gilberto Gil – Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1982.

GOULEMOT, Jean Marrie. Da leitura como produção de sentidos. **In:** CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 107-116.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes/Unicamp, 1993.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Trad. Claudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.